

Entretanto, é preciso observar que entre Brasil e Angola, além desses fatos referenciados, encontram-se traços e laços fortes que remontam ao século XVI. Segundo Alencastro (apud CHAVES, 2006, p. 35), “[...] o tráfico de escravos foi de tal forma determinante para a formação de ambos que resultou na indissolubilidade dos nós que amarram essas histórias”.



Fig. 141 — VENDEDOR, Salvador, 2006



Fig. 142 — VENDEDOR, Luanda, 2006

Quem viaja sem saber o que esperar da cidade que encontrará ao final do caminho pergunta-se como será o palácio real, a caserna, o moinho, o teatro, o bazar. Em cada cidade do império, os edifícios são diferentes e dispostos de maneiras diversas: mas, assim que o estrangeiro chega à cidade desconhecida e lança o olhar em meio às cúpulas de pagode e clarabóias e celeiros, seguindo o traçado de canis, hortos, depósitos de lixo, logo distingue quais são os palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona. Assim — dizem alguns — confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares. (CALVINO, 1990, p. 34).

Considerando que, para desenvolver uma investigação nas paisagens urbanas, uma questão fundamental é a compreensão sobre as condições das cidades na contemporaneidade, busquei reflexões⁴¹ que favorecessem estabelecer a problematização nos espaços urbanos com o processo de mundialização da cultura.

Conforme o pensamento de Prysthon⁴²:

No mundo pós-moderno, entretanto, essa dialética entre dentro e fora, entre ordem civil e natural chegou ao fim. [...] Em um mundo pós-moderno, todos os fenômenos e forças são artificiais, ou, como dizem alguns, fazem parte da história. A dialética moderna do fora e do dentro foi substituída por um jogo de graus e intensidades, de hibridismo e artificialidade. (PRYSTHON, 2003, p. 41).

41. Elaboradas no seminário Popular Internacional — Uma Estética Mundializada — As Relações entre Cultura Regional e Universal com Foco na Cidade, Disciplina Arte Urbana, Mestrado em Artes Visuais da EBA-UFBA, ministrada pela Prof. Dr. Roaleno Amancio Ribeiro Costa, em 2004.

42. Angela Prysthon, Doutora pela Nottingham University e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, escreveu *Cosmopolitismo, Identidade e Tecnologia: embates culturais no contemporâneo*, 2003.

Desde o final do século XIX e a primeira metade do século XX, ocorre nos Estados Unidos e, posteriormente, na Europa e América Latina, a consolidação da indústria cultural e de um mercado de bens simbólicos. Iniciamos o século XXI e a cultura, inserida num processo de mundialização, é problematizada nos espaços de interação local, nacional e mundial. Para o estudo das culturas populares são necessárias novas considerações que possam levantar questões e conduzir a reflexões sobre a mundialização da cultura. Exemplo é o registro fotográfico feito por Guerra (2000) de duas mulheres da etnia Mukubal, sul de Angola, em uma lanchonete de Luanda. Conhecidas pelo costume de raspar a cabeça, vivem com o torso desnudo e a careca encoberta por belos turbantes. Uma vez por ano, costumam deslocar-se para vender um óleo extraído de raízes nativas produzido por elas.



Fig. 143 — Reprodução de fotografia. Fonte: GUERRA, Sérgio, 2000.



Fig. 144 — Reprodução de fotografia. Fonte: GUERRA, Sérgio, 2004, p. 43.



Fig. 145 — PARABÓLICAS, Avenida dos Combatentes, Luanda, 2007

Marcada pela facilidade com que a informação chega às pessoas, a subjetivação da cultura reafirma algumas idéias de Benjamin (1978, p. 67), de como a reprodução da “arte” como expressão cultural pode “[...] representar uma transitorie-

dade permanente, um novo estado de apreender a cultura e, conseqüentemente, o abandono da busca da singularidade na produção cultural”. Com a circulação do capital ampliando-se como atividade humana, monta-se um sistema de produção cultural baseado na subjetividade por meio da mídia, levando a geografia de todos os lugares a cada lugar do mundo, o que, segundo Baudrillard (1991), reduz a geografia a um simulacro. Este é também o pensamento de Ianni, que afirma:

De forma inesperada, o simulacro aparece no lugar da realidade, vida, formas de ser, viver, sentir, agir, pensar, sonhar e imaginar. O mesmo processo de desenraizar e desterritorializar produz o fetichismo das coisas, gentes e idéias, das relações sociais, modos de ser, pensar, imaginar. Tudo que é social descola-se do tempo e lugar, conferindo a ilusão de outro mundo [...] É assim que a desterritorialização aparece como um momento essencial da pós-modernidade, um modo de ser isento de espaços e tempos, no qual se engendram espaços e tempos inimagináveis. (IANNI, 2002, p. 105).



Fig. 146 — Crianças com bolsa da Barbie, moradoras da praia da Ilha de Luanda, 2006.



Fig. 147 — PARABÓLICAS, centro de Luanda, 2006